

## A INCLUSÃO DE CRIANÇAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS E OS DESAFIOS DO DOCENTE EM LIDAR COM ISSO

Aline de Jesus Souza<sup>1</sup>

Carla Michele Batista Passos<sup>2</sup>

Geise dos Santos Lisboa<sup>3</sup>

Luciene Santos de Sousa<sup>4</sup>

Telmária Cana Brasil Carneiro<sup>5</sup>

### Resumo:

Este artigo visa refletir sobre a prática educativa vivenciada diariamente no contexto da educação infantil na inclusão de crianças com necessidades especiais, possibilitando ao educador desenvolver um olhar crítico sobre sua atuação e os resultados de suas ações, com o objetivo de conscientizar e promover reflexões sobre a diferença da ação educativa baseada na afetividade e espontaneidade, contra aquela que é baseada no autoritarismo, nas diferenças e nos resultados. Em tempo, é importante ressaltar que utilizamos como referencial teórico: (AMARAL; AQUINO, 1998); (MANTOAN, 2005); (VYGOTSKY, 1989); (LDB 9394/96). O resultado esperado desta pesquisa é o de promover uma indicação de mudança de atitudes e de conceituação do que seja a inclusão e o trabalho desenvolvido neste ambiente através de uma reflexão crítica sobre a ação do educador.

**Palavras-chave:** Inclusão- Aprendizagem- Interação- necessidades especiais- Pesquisa

---

<sup>1</sup> Estudante do 4º Semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu- FVC. Contato eletrônico: aline\_souza06@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Estudante do 4º Semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu- FVC. Contato eletrônico: carlamichele88@hotmail.com

<sup>3</sup> Estudante do 4º Semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu- FVC. Contato eletrônico: carinhodege@hotmail.com

<sup>4</sup> Estudante do 4º Semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu- FVC. Contato eletrônico: lucienasantossousa@hotmail.com

<sup>5</sup> Estudante do 4º Semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu- FVC. Contato eletrônico: telmariabrasil@hotmail.com

**Summary:**

This article aims to reflect on the educational practice experienced daily in the context of the inclusion of preschool children with special needs, enabling the educator to develop a critical eye on his performance and the results of their actions, aiming to raise awareness and promote reflection on the difference in the educational activity based on the warmth and spontaneity, against that which is based on authoritarianism, and the differences in the results. In time, it is important that we use as a theoretical (Amaral; Aquino, 1998), (Mantoan, 2005) (Vygotsky, 1989), (LDB 9394/96). The expected outcome of this research is to promote an indication of changing attitudes and concepts of what to include and work in this environment through a critical reflection upon the role of educator.

Keywords: Inclusion and Learning-Special-needs-Interaction Research

**INTRODUÇÃO**

Um aspecto marcou a nossa historicidade na educação brasileira, as crianças que antes eram excluídas da escola regular e colocadas em instituições para deficientes, agora têm o direito garantido por lei (á educação e de freqüentar a mesma escola das crianças tidas como “normais”. Assim, crianças que apresentam diferentes déficits, sejam eles temporários ou crônicos, graves ou leves, devem ser inseridos no ensino regular). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394, em 1996, assegurou que a criança deficiente física, sensorial e mental, pode e deve estudar em classes comuns. Dispõe em seu art. 58, que a educação escolar deve situar-se na rede regular de ensino e determina a existência, quando necessário, de serviços de apoio especializado. Prevêem também recursos como classes, escolas ou serviços especializados quando não for possível a integração nas classes comuns. O art. 59 contempla a adequada organização do trabalho pedagógico que os sistemas de ensino devem assegurar a fim de atender as necessidades específicas, assim como professores preparados para o atendimento especializado ou para o ensino regular, capacitados para integrar os educando portadores de necessidades especiais nas classes comuns.

A efetivação da inclusão exige a superação de vários desafios, tais como: estabelecimento de novas formas pedagógicas, capacitação dos professores para saber lidar com diferentes problemáticas, os alunos e a própria crianças deficiente precisa participar ativamente de seu processo de inclusão. Entretanto para zelar pelas crianças que necessitam de atenção especial na educação regular é preciso criar uma rede de apoio que envolva (todos os atores) ou especialistas como: psicólogos, neurologistas, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, dentista e outros. Dessa forma, a concepção de aprendizagem é tida como um processo que sempre inclui relações entre indivíduos, onde a interação do sujeito com o mundo se dá pela mediação feita por outros sujeitos.

É através da inclusão que a criança desenvolve a linguagem, o pensamento, a socialização, a iniciativa e a auto-estima, preparando-se para ser um cidadão capaz de enfrentar desafios e participar na construção de um mundo melhor independente das diferenças. A escola deve ser capaz de atender seus alunos em suas especialidades e singularidades e isso é válido para todos, não só para os que possuem algum déficit. Afinal, todas as pessoas apresentam diferentes características, se sobressaem em algumas áreas e apresentam dificuldade em outras, e isso precisa ser respeitado e levado em conta na hora da aprendizagem e do convívio social.

A participação dos pais é fundamental para o desenvolvimento, aprendizagem e interação da criança no contexto escolar. Visto que a inclusão não se limita a colocar a criança dentro da escola, é preciso que ela consiga interagir de acordo com suas potencialidades com outras crianças. Salientamos que é essencial a compreensão de que a inclusão e integração de qualquer cidadão com necessidades especiais ou não, são condicionadas pelo seu contexto de vida, ou seja, dependem das condições sociais, econômicas e culturais da família, da escola e da sociedade. E mais importante é que educar é um ato de amor, onde o professor tem que ir além do conhecimento teórico, pois é preciso percepção e sensibilidade para identificar as necessidades dos alunos.

Com base nessas premissas iniciais, buscamos tecer algumas reflexões a partir da pesquisa realizada em uma Escola da cidade do Salvador que atende a crianças com necessidades especiais. Para tanto essa pesquisa de caráter qualitativo utilizou como instrumentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada e observação.

## **REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO**

Entende-se por educação especial a educação dirigida aos portadores de necessidades especiais mental, auditiva, visual, física múltipla e portadores de altas habilidades. A deficiência refere-se á perda, anormalidade de estrutura ou função de toda a alteração do corpo ou da aparência física, de um órgão ou de uma função, qualquer que seja a sua causa. A incapacidade refere-se à restrição de atividades em decorrência das conseqüências de uma deficiência em termos de desempenho e atividade funcional do individuo e que representam as perturbações ao nível da própria pessoa. “Desvantagens referem-se á condição social de prejuízo que o individuo experimenta devido a sua deficiência e incapacidade, as desvantagens refletem a adaptação do individuo e a interação dele com seu meio”. (AMARAL; AQUINO, 1998, p. 24-25).

No contexto da inclusão educacional de crianças com necessidades especiais é fundamental que a criança seja vista como criança, não lhe negando sua diferença ou característica orgânica, mas nunca se deve supervalorizar esse fator e resumir uma ação a uma única característica, principalmente aquele que deprecia uma pessoa ao diferenciá-la diante das demais.

“Na escola inclusiva professores e alunos aprendem uma lição que a vida dificilmente ensina: respeitar as diferenças, esse é o primeiro passo para construir uma sociedade mais justa”. (MANTOAN, 2005, p. 24-26). A autora Maria Teresa Eglér Mantoan, é uma das maiores defensoras da educação inclusiva no Brasil, e crítica convicta das chamadas escolas especiais, a mesma ressalta na entrevista as grandes lições para professores e alunos, onde a tolerância, respeito e solidariedade são atitudes importantes na busca de uma sociedade mais justa, em que todas as pessoas realmente serão iguais perante a lei.

A escola inclusiva deveria ser chamada de escola para todos, pois esta sim está aberta totalmente para que qualquer pessoa possa ter uma educação digna, sem ser necessário estudar em uma “escola especial”, uma escola que abrigue as diferenças e se enriqueça com elas, portanto, a inclusão deve ser defendida e investida.

A Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional 9394/96 (LDB) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), afirma que é incumbência dos docentes zelar pela aprendizagem do aluno com necessidades especiais na modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino. Entretanto, promover a inclusão apesar de ser um dever das escolas expresso em lei está bem longe de alcançar o objetivo maior que é garantir a todas as crianças portadoras de alguma deficiência uma escola acolhedora, de qualidade que supra suas necessidades, pois a estrutura de ensino esta montada para receber um aluno ideal, com suportes padrões de desenvolvimento emocional e cognitivo. E incluir as

crianças da educação infantil, garantindo-lhes o direito a educação, demanda romper paradigmas educacionais vigentes na maioria de nossas escolas.

A educação inclusiva é uma tendência internacional deste final de século. É considerada escola inclusiva aquela que abre espaço para todas as crianças, abrangendo aquelas com necessidades especiais. O principal desafio da escola inclusiva é desenvolver uma pedagogia centrada na criança capaz de educar a todas, sem discriminação respeitando suas diferenças, uma escola que dê conta da diversidade das crianças e ofereça respostas adequadas, a suas características e necessidades solicitando apoio de instituições e especialistas quando isso se fizer necessário. É uma meta a ser alcançada por todos aqueles comprometidos com o fortalecimento de uma sociedade democrática, justa e solidária.

Um requisito para que a inclusão educacional ocorra de forma satisfatória, é o professor ser criativo, buscar cada vez mais conhecimentos, ampliando seu repertório de ações e recursos para satisfazer as diferentes necessidades que advêm da diversidade de pessoas inseridas numa sala de aula, porque nem sempre é possível atender as especificidades inerentes a cada aluno seja ele com ou sem deficiência. Afinal, um professor predisposto à docência não consegue se acomodar com as coisas prontas e resolvidas, ele se incomoda diante de um desafio, de algo que exige dele um maior empenho e compromisso.

E diante da inclusão educacional de crianças com necessidades especiais é essencial que o professor busque inovar-se, adquirir sempre mais conhecimento, pois todo o conhecimento que viermos a adquirir no dia a dia no contexto da educação inclusiva em sala de aula no atendimento a essas crianças será sempre pouco, porque todos os dias estaremos nos reciclando.

As atividades realizadas neste tipo de trabalho devem ser abertas e diversificadas, além de flexibilizado para a abordagem em vários níveis de compreensão, entendimento, apropriação e desempenho nessas atividades. Nunca se deve evidenciar ou comparar alunos que possuem habilidades e potencialidades diferenciadas, o ideal é elogiar e incentivar os aspectos positivos construídos por todos, porém essas atividades podem ser enriquecidas por debates, pesquisas em grupo, registros escritos e falados, dinâmicas, filmes, músicas e vivências grupais.

Os conteúdos deverão ser trabalhados gradativamente sem cobranças e limitações, a avaliação para este ensino deverá ser processual e um dos aspectos a ser observado é o processo dos alunos no tratamento das informações e participação na vida social, devem-se evitar os métodos quantitativos e classificatórios e também trabalhar para que o aluno faça sua auto avaliação, alguns instrumentos poderão ser de grande valia na atuação num ambiente inclusivo:

registros diários, portfólio, arquivos de atividades, impressos e reflexões significativas das crianças.

O processo de ensino-aprendizagem de educando com ou sem deficiência ocorre num processo de respeito, diálogo e trocas de vivências, pois se o educador conseguir propiciar a seu educando um ambiente saudável, estimulante e facilitador da aprendizagem, não haverá no ambiente escolar deficiências nem diferenças, mas haverá uma prática pedagógica diferenciada. Por isto é importante a formação do professor, na capacitação continuada para que se tenha um suporte necessário para modificar práticas retrógradas e reconstruir o ato de ensinar e aprender. “A socialização da criança não só ativa e exercita suas funções psicológicas, como é a fonte do surgimento de uma conduta determinada historicamente (...). A relação social é a fonte do desenvolvimento dessas funções, particularmente na criança deficiente mental” (Vygotsky, 1989, p.109).

De acordo com Vygotsky é possível entender que as limitadas oportunidades de interação do portador de deficiência, em seu contexto social, interferem no desenvolvimento das funções mentais superiores. A sua exclusão do meio social lhe traz complicações secundárias na forma de um desenvolvimento social insuficiente, com considerável prejuízo na aprendizagem e, conseqüentemente, no desenvolvimento. Por isso, a escola, espaço interativo por excelência, tem um importante papel no desenvolvimento, oportunizando a integração social, impulsionando a aprendizagem, criando zonas de desenvolvimento proximal, propiciando as compensações às deficiências.

“A aprendizagem da linguagem é a condição mais importante para o desenvolvimento mental, porque, naturalmente, o conteúdo da experiência histórico-social, não está consolidado somente nas coisas materiais; está generalizado e reflete-se de forma verbal na linguagem” (Vygotsky, 1989, p.114). Ou seja, levar em consideração a produção da linguagem significa estudar o portador de deficiência como sujeito da e na história, sujeito produtor de textos, autor da sua palavra. Nesse sentido, o conhecimento, da educação especial é dialógico, é acontecimento, é encontro.

## REFLETINDO SOBRE O CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Francisco Leite, localizada na Rua Celika Nogueira, nº. 146 Bairro de Águas Claras - Salvador/ BA. Com base nos dados da entrevista a

professora nos indica que a escola se fundamenta na teoria sócio construtivista. As atividades desenvolvidas na sala com as crianças portadoras de necessidades especiais são feitas através de uma mediação onde o professor auxilia de forma mais próxima e comunica as necessidades aos pais. Como afirma a fala da professora entrevistada “Eu só vou mais próximo a ela pra que ela possa estar desenvolvendo essas atividades.”

A participação dos pais é fundamental para o desenvolvimento das crianças, e segundo a professora a participação dos pais na escola tem sido parcial, pois alguns participam outros não. Como afirma a fala da professora “A gente sente a diferença entre a criança que tem um acompanhamento familiar, que a família aceita a deficiência da criança, que a família está junto, e aquela que não tem. ” Dessa forma, vimos que a inclusão não se resolve apenas inserindo as crianças nos contextos educacionais, vai mais além, exige empenho e compromisso de todos os envolvidos nos cuidados com essa criança e a professora relatou na entrevista duas situações distintas, uma em que a criança com necessidade especial recebe todo cuidado e atenção da escola, da família que busca auxílio terapêutico, psicológicos, fonoaudiólogos e que resulta em avanços no desenvolvimento e aprendizagem, enquanto os pais da outra criança muitas vezes nem aparece na escola, muito menos a leva para ser acompanhada por especialista, o que torna o seu avanço muito lento.

A professora relata “... Eles não fazem diferenciação de nada e interagem muito bem, porque o cadeirante mesmo, os meninos levam a cadeira dele na brincadeira, é uma coisa maravilhosa, eles participam das apresentações, Jamile que tem deficiência mental adora cantar e dançar...” Portanto, fica evidente que independente da necessidade especial às crianças interage normalmente. Visto que, para a professora entrevistada o papel do professor no contexto da inclusão é fazer a interação da criança especial com o resto da turma, e observamos que de fato não existe rejeição para com as crianças especiais, que recebem a mesma atenção, brincam juntos, conversam e interagem entre si.

Através da observação foi constatada a preocupação da escola em manter um espaço propício para atender integralmente as normas garantindo a acessibilidade de todas as crianças portadoras de necessidades educacionais especiais mesmo se tratando de uma escola de ensino regular.

Para atender as crianças com necessidades especiais é preciso o apoio de especialistas, professores, familiares e todos os envolvidos, mas essa questão ficou a desejar nessa escola observada, onde a professora demonstrou isso na seguinte fala: “Apesar da prefeitura ter dado alguns cursos para os professores, não tem como a gente utilizar nada do que a gente sabe

com ela, pois nem a linguagem dos sinais ela não sabe, ela só se comunica da forma não-verbal”. Mostra que os cursos oferecidos pela prefeitura não é suficiente para auxiliar a criança com deficiência auditiva, seria necessário que a escola providenciasse um instrutor para as crianças que não conhece a língua brasileira de sinais (libras). E foi mencionada na entrevista uma preocupação da professora em querer aprender libras para ensinar a sua aluna portadora de deficiência auditiva, como afirma a seguinte fala: “ Inclusive eu estou aprendendo libras para vê se eu consigo ensinar Carol e tirar ela daquele mundo só de conversas mais informais”. Percebemos a importância da relação interpessoal no desenvolvimento da criança, dessa forma, a concepção de aprendizagem é tida como um processo que sempre inclui relações entre indivíduos, pois a interação do sujeito com o mundo se dá pela mediação feita por outros sujeitos, e ficou explícito na observação que todas as crianças se comunicam de forma gestual, corporal, facial e se entendem entre si.

Percebemos a falta de estrutura e apoio da família com algumas crianças, como afirma a seguinte fala da professora “A família da criança que tem o problema auditivo não está nem aí pra ela, vai e volta com o irmão sozinho, a mãe totalmente desestruturada, já tem outros filhos, uma vida sexual muito irregular” Isso demonstra o quanto à participação da família é fundamental no processo de desenvolvimento da criança no contexto escolar. E a professora afirma um desinteresse de alguns pais em ajudar os seus filhos, como afirma a fala: “Quando a gente consegue que a mãe vá à escola, porque ela nunca vai, a gente chama e conversa, venha pra sala pra ficar um dia comigo, pra gente poder ajudar Carolina, mas ela se recusa e não vai mesmo, os meninos chegam tarde e saem tarde, porque ela não tem esse cuidado com eles”. Percebemos que a professora auxilia e esclarece aos pais quanto às necessidades dos seus filhos, mas não encontra apoio dos mesmos, dificultando assim o seu trabalho. A professora demonstra prazer no seu trabalho, e fica satisfeita quando percebe avanços no desenvolvimento das crianças, mas relata que em determinados momentos se sente impotente quando não vê avanços em determinados alunos.

Declara que gosta de ensinar e que educar é um ato de amor, como afirma a seguinte fala: “Tem dois fatores primordiais: é você conhecer a criança, o que ela gosta como ela é, como ela aprende, e amar, eu acho que não tem outra forma, o amor passa por tudo isso”. Nesse sentido, fica evidente que o professor tem que ir além do conhecimento teórico, pois é preciso percepção e sensibilidade para identificar as necessidades dos alunos.

## CONCLUSÃO

A inclusão é um movimento mundial de luta das pessoas com deficiências e seus familiares na busca dos seus direitos e lugar na sociedade. O paradigma da inclusão vem ao longo dos anos, buscando a não exclusão escolar e propondo ações que garantam o acesso e permanência do aluno com deficiência no ensino regular. É preciso fazer algo para que a inclusão realmente aconteça. É necessário identificar o problema, fornecer soluções, e o mais importante é o comprometimento dos educadores em fazer a diferença e realmente fazer a inclusão, usando de recursos físicos e os meios materiais para a efetivação de um processo escolar de qualidade. Devem dar prioridade ao desenvolvimento de novas atitudes e formas de interação na Escola, exigindo mudanças no relacionamento pessoal e social e na maneira de se processar a aprendizagem.

Concluimos deste modo que o processo de inclusão ocorre a partir da condição que se dá ao aluno e à turma onde está incluso, a partir de condições de estrutura física, suportes de

serviços psicopedagógicos, serviços técnico-pedagógicos e administrativos, programações comemorativas, culturais, desportivas, etc., que interagem e dão sustentação ao processo que se desencadeia na sala de aula e tem como atores os alunos e professor. Essas ações são fundamentais para a construção de uma educação que atenda às necessidades, às possibilidades e ao interesse do conjunto da população escolar brasileira. Para isso, todavia, precisa de profissionais da educação responsáveis e competentes não só do ponto de vista pedagógico, mas também profissionais que não sejam desvinculados dos condicionamentos político-sociais.

É importante frisar que um ambiente amoroso e estimulante, intervenção precoce e esforços integrados de educação irão sempre influenciar positivamente o desenvolvimento desta criança. Afinal, as diferenças não podem ser obstáculos nas nossas relações sociais e temos que saber respeitá-las. Mas também, não podemos deixar de reconhecer a sua existência.

Entendemos que a escola inclusiva é benéfica não somente para aquelas crianças que têm necessidades educacionais especiais, mas, sim para todas as crianças. Visto que na medida em que a escola proporciona a todos seus alunos à oportunidade de conviver com a diversidade e com as diferenças, está preparando os alunos para a vida em sociedade.

A pesquisa realizada sobre “A inclusão de crianças portadora de necessidades especiais e os desafios do docente em lidar com isso” foi uma experiência enriquecedora e respaldada nos instrumentos de observação e entrevista. Registramos que as atitudes da professora confirmam o que ela fala, pois a mesma oportuniza a interação das crianças de uma forma natural, e essa postura que a educadora tem é a ideal nesse contexto de inclusão, pois ela demonstra ser uma profissional comprometida e envolvida nesse trabalho com essa diversidade, que não é uma tarefa muito simples. Mas como a inclusão é um processo cheio de imprevistos, sem fórmulas prontas e exige aperfeiçoamento constante, ela também demonstra na entrevista que esse trabalho pode causar impotência diante da dificuldade em ajudar o aluno a avançar, mas que sente alegria quando consegue.

Quanto à escola foi constatado na observação que a mesma não se preocupa apenas em admitir a matrícula desses meninos e meninas para cumprir a lei, mas, sim realizando atividades dinâmicas como: música, teatro, apresentações, danças em um espaço apropriado, além de uma estrutura física adaptada com rampas de acesso, instalação de barras de apoio e alargamento das portas oferecendo o acesso adequado aos deficientes físicos (cadeirantes). Entretanto, ficou evidente que essa escola precisa melhorar em algumas questões cruciais, que

são os serviços de apoio de acordo com as necessidades de cada estudante, ou seja, de orientações e suporte das associações de assistência de médicos, fonoaudiólogos, professor de libras, enfim, profissionais de apoio.

Afinal, na educação inclusiva não se espera que a pessoa com deficiência se adapte a escola, mas que esta se transforme de forma a possibilitar a inserção desse aluno especial. E para isso acontecer é preciso despertar a consciência e a dedicação de todos os envolvidos nessa questão, sem preconceitos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais para que a escola se torne aberta às diferenças e competente para trabalhar com todos os educando.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Lígia Assumpção; AQUINO, Julio Groppa (Org). **Diferenças e Preconceitos na escola: alternativas teóricas e praticas**. São Paulo: Summus,1998.

MANTOAN, Maria Tereza Égler; MARQUES, Carlos Alberto. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Ed. SENAC, 1997.

REVISTA **Pátio Educação Infantil, A diversidade como desafio**, nº 9, Novembro 2005/ Fevereiro2006, Editora Artmed.

REVISTA **Nova Escola**, São Paulo: Abril, v.20, n.182, p.24-26, maio. 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.

BRASIL. Lei 9394 de 24 de dezembro de 1996. Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394-96 Eca.